

A Prova do sintoma: que metáfora? que letra?

Sidi Askofaré

Os binários palavra/ escrita e metáfora/ letra não se impõem a nós apenas devido à lealdade momentânea de Lacan ao estruturalismo. É o próprio dispositivo da psicanálise que os convoca – pela regra da associação livre, pela operação de deciframento das formações do inconsciente e pela interpretação – e é a própria teoria do inconsciente que os supõe. E isso, desde Freud. Basta relembra-rem seu binário representação de coisa/ representação de palavra, os *Wahrnehmungszeichen* (traços de percepção), sua hipótese da dupla inscrição etc., indo até a articulação explícita, feita por Lacan, da estrutura de linguagem do inconsciente. Como nós sabemos, uma insistência inicialmente marcada sobre a “função da palavra” antes de passar a destacar a “função de escrita”.¹

Mas acontece que nós não investimos os temas e conceitos de nossa disciplina todos da mesma maneira, pois eles se inscrevem na história da nossa formação e de nossa relação com a psicanálise. Devo dizer que, de minha parte, foi pela via do traumatismo que se deu para mim o encontro com esta questão. O que suscitou este “trauma”? A leitura, bem no início de minha frequentação aos textos analíticos, de uma revisão publicada na revista da E.F.P., *Scilicet*, da obra de Serge Leclair: *Psicanalisar*.

Eu lhes apresento exatamente o que o autor do relato escreveu ao final de sua análise do primeiro capítulo. Na verdade, parece bastar para desenvolver, sem nenhum outro processo, o restante da obra sobre a teoria de um inconsciente organizado pela letra. “Um só e mesmo texto, ou melhor, **uma só e mesma letra**, constitui e representa, simultaneamente, o desejo inconsciente.”²

Ao ouvinte desatento, continua o autor, a fórmula pode parecer homogênea àquelas de Lacan, quando ele diz, por exemplo, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, sua “extrema singularidade”, para dizer como o autor, àquilo que se determina como efeito de uma estrutura, aquela do significante.

Mas basta seguir as voltas e meandros que a teoria da letra em Leclair impõe, suas consequências práticas, para perceber que estamos em terreno estranho e não mais nos surpreendermos com o fato de que o próprio conceito de significante tenha sido foracluído da obra.³

1. Lacan, cf. *Seminário 18* e, sobretudo, *Seminário 20*.

2. Leclair, *Psychanalyser. Un essai sur l'ordre de l'inconscient et la pratique de la lettre* (1968/cf. o início do terceiro capítulo).

3. *Psychanalyser. op. cit.*, p. 374.

Preciso dizer que a leitura desse texto, e o que será confirmado pela de *Lituraterra* – sem falar nas controvérsias e polêmicas em torno dos textos de Derrida e de seus “alunos” – me inspiraram por um bom tempo certa desconfiança da categoria de “letra”?

Fechemos este parêntese epistemo-biográfico para abordar mais diretamente a questão: “o sintoma: metáfora ou letra?”.

1.

Mas pode-se abordar diretamente uma questão como esta? Ou então a resposta irrompe, lacônica: o sintoma é metáfora e letra, isto é, significante e letra. Por que então distingui-los, se esta discriminação é, sem consequências, sobre a ideia a ser feita do sintoma e, logo, da psicanálise?

Daí o leve deslocamento que propus no título de minha intervenção, ao acrescentar: que metáfora? que letra? Subentendido: de que metáfora e de que letra falamos? Mas também: como o sintoma pode ser ao mesmo tempo tanto uma quanto outra? E por fim: ele é uma e outra, ou primeiro uma e depois outra?

Imagino que se Lacan dedicou tanto tempo a “desembaraçar” a questão do significante – logo, da metáfora – e da letra, é exatamente porque, por um lado, as definições extra-analíticas desses dois termos lhe pareceram insuficientes, e por outro, sua concepção de saber analítico não é uma justaposição de conceitos predefinidos, mas uma ordenação que visa casar-se o mais próximo possível com a lógica da experiência. Ele o fez por meio dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise (inconsciente, repetição, transferência, pulsão). Pareceria que seria o mesmo para o sintoma enquanto metáfora e como letra. O que se depreende é que é a clínica psicanalítica do sintoma que lança luz sobre a metáfora e a letra – muito mais que o inverso.

Começemos pela metáfora do sintoma. Sabemos que essa não é a conceitualização inicial, pois o sintoma, no *Discurso de Roma*, era definido apenas como “o significante de um significado recalçado da consciência do sujeito”.⁴ Estrutura de linguagem certamente, mas nenhuma metáfora, no entanto, embora o próprio sintagma freudiano de “formação substitutiva” já o dissesse à sua maneira. Será preciso então o trabalho considerável de Lacan sobre o artigo de Roman Jakobson, *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*, a reconsideração da metáfora a partir da condensação freudiana e sua aplicação à função paterna, para que Lacan chegue a afirmar ao final de sua *Instância da Letra...* que “o sintoma é metáfora” assim como ele sustentará no ano seguinte que “o pai é uma metáfora”.⁵

Para o sintoma, assim como para o pai, é a metáfora que vai servir de definidor. Alias, não sem consequências quanto à ideia que se faz de um e de outro, e isso até sua quase identificação ao final: “o pai é um sintoma” e o sintoma pode ligar, amarrar e nomear. Mas no

4. Lacan, *Função e campo da fala e da linguagem* (1953/1998, p. 282).

5. Lacan, *As Formações do Inconsciente* (1957-58/1999, p. 180).

ponto em que estou, isso não é o mais importante. O mais importante é que existe uma profunda solidariedade entre isso que «promete» a psicanálise – “a experiência de uma análise entrega àquele que chamo de analisante (...) o sentido de seus sintomas”⁶ –, o enigma do sintoma, a operação de decifração e a estrutura da metáfora.

Sem dúvida que o sintoma pode, no início, ser abordado como um signo – “Psicanalista, é do signo que estou advertido”⁷ –, mas este último não lhe fornece, forçosamente a estrutura, pois não implica necessariamente o recalcado, logo, a verdade.

É por isso, talvez convenha lembrar, que a doutrina do sintoma, em Lacan, se articula em torno de duas proposições principais: 1) o sintoma é metáfora (= verdade); 2) o sintoma é gozo (= real).

Que o sintoma seja uma metáfora, trata-se de uma reincidência ou da estrita aplicação à questão do sintoma de tudo o que Lacan elaborou entre 1953 e 1964, sob o título de uma **lógica do significativo**. Essa tese tão «canônica» e que parece tão evidente é, no entanto, ao menos em parte, problemática.

Relembrei brevemente que ela procede de toda uma série de reduções e de equivalências: redução do sintoma à formação substitutiva e ao sintoma histérico (acontecimento de corpo); redução da substituição à condensação; redução da condensação à metáfora e mais exatamente à metáfora poética; equivalência entre processo metafórico e mecanismo do recalque; equivalência entre recalcado e verdade. É sob esse fundo que convém decifrar e reavaliar a posição segundo a qual o sintoma é metáfora, e na qual a formulação mais precisa me parece ser aquela formulada em *A Instância da Letra no Inconsciente ou a razão desde Freud*:

O mecanismo de duplo gatilho da metáfora é o mesmo em que se determina o sintoma no sentido analítico. Entre o significativo enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significativa atual passa a centelha que fixa num sintoma – metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significativo – a significação, inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver.⁸

Vou fazer três comentários antes de tentar cernir melhor o que recobre essa identificação do sintoma à metáfora e suas consequências, tanto clínicas quanto doutrinárias.

1) É a «metáfora poética» que constitui a operação significativa homogênea à formação do sintoma como «**efeito de criação**», mas ao revelar um fazer, ela é suscetível de se desfazer. Aqui, eu apenas tomo em consideração a correção que Lacan aporta à sua teoria da metáfora em *Radiofonia*, integrando assim a crítica feita por J.-F. Lyotard em *O Trabalho do Sonho Não Pensa*.⁹

6. Lacan, *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos* (1973/2003, p. 553).

7. Lacan, *Radiofonia* (1970/2003).

8. Lacan, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998, p. 522).

9. Lyotard, *O Trabalho do Sonho Não Pensa* (1971, pp. 239-270).

2) A tese do sintoma como metáfora concede um privilégio ao sintoma histérico e ao modo histérico de formação do sintoma: compromisso, recalçamento por amnésia e conversão somática.

3) A noção de substituição significativa merece ser precisada: parece que Lacan entende por substituição significativa não a substituição de **um** significativo por **um** outro, mas a substituição de significativo a significativo; o termo significativo não remetendo aqui a uma unidade morfológica estrita e identificável à **palavra**, mas subsumindo o material da linguagem como indo do fonema à locução composta.

Aliás, uma referência simples: a análise proposta por Freud, da tosse de Dora, nos permite apreender os diferentes valores da proposição teórica de Lacan, segundo a qual o sintoma é uma metáfora:

1) Primeiramente, ele permite desprendermo-nos da ideia ingênua segundo a qual é o próprio significativo recalçado que retornará para se erigir em sintoma; dito de outro modo, os fatores dinâmicos e econômicos estão sempre presentes na formação do sintoma por meio do contrainvestimento e da censura, notadamente.

2) Pelo mecanismo da conversão somática, modo mais puro da metáfora do sintoma; parece que o sintoma histérico opera segundo um novo uso, um investimento secundário de um sintoma ordinário, pré-existente, que fará as vezes de envelope formal.

3) Este envelope conterá uma mensagem – cifrada pelo trabalho do inconsciente, daí a **opacidade subjetiva** do sintoma – e um gozo, uma satisfação paradoxal. Desta maneira, e é isso que convém sublinhar, a mensagem do sintoma, seu sentido – de fazer aparecer a significação fálica, de evocar (-Φ) – é ela mesmo denúncia de uma falta de gozo.

A clínica freudiana nos ensina, portanto, que é ao mesmo tempo por sua ligação com o corpo, sua determinação por uma fantasia de conteúdo sexual e por seu uso na relação do sujeito com o Outro que o sintoma consegue, ou mesmo atinge um gozo substitutivo.

Deduzo daí, então, que a metáfora do sintoma não deve ser entendida como pura e simples substituição significativa. Talvez sua melhor definição, aquela que melhor se ajusta à experiência, seja aquela desenvolvida por Lacan em 1960: “O sintoma é o retorno, por via de substituição significativa, do que se encontra na ponta da pulsão como seu alvo”.¹⁰

2.

Passo agora à letra. Não retomarei aqui a oposição formal entre significativo e letra. Outros já o fizeram, e muito bem. Duas páginas – da 128 a 130 de *A Obra Clara* – bastaram para que J. C. Milner o conseguisse. O único problema é que ele não fez referência ao sintoma em parte alguma, e que toda sua elaboração, muito astuciosa, promove apenas a função da letra na teoria do matema.

Tendo em vista que me interessa menos pela função de transmis-

10. Lacan, *A ética da psicanálise* (1959-60/1997, p. 139).

são da letra e mais por sua função de gozo do inconsciente, deter-me-ei inicialmente no movimento que faz Lacan passar do significante ao signo, e do signo à letra, no refinamento de sua teoria do sintoma.

Afirmar que, para Lacan, a clínica do sintoma, e de uma maneira mais geral, a clínica analítica não é uma clínica do significante, mas uma **clínica do signo** pode soar paradoxal... Desde o *Discurso de Roma*, e de maneira mais decisiva desde *A Instância da Letra...*, a orientação lacaniana se definiu e se propagou como uma lógica do significante e de seus efeitos. Podemos e devemos, tendo em vista que ela é fundadora, silenciar sob o fato de que essa teoria é, se não recusada, de qualquer maneira modificada, alterada?

A posição de Lacan, em 1970, é inequívoca, quando ele escreve em *Radiofonia*.

Para começar, a pretexto de eu haver definido o significante como ninguém ousou fazê-lo, não se vá imaginar que o signo não seja assunto meu! Muito pelo contrário, é o primeiro, e será também o último. Mas, para isso, faz-se necessário este desvio. (...)

Como psicanalista, é pelo signo que sou alertado. Se ele me assinala o algo que tenho de tratar, sei, por ter encontrado na lógica do significante um meio de romper com o engodo do signo, que esse algo é a divisão do sujeito: divisão esta decorrente de que o outro é aquele que cria o significante, pelo que não pode representar um sujeito senão por ele só ser um do outro.¹¹

11. Lacan, *Radiofonia* (1970/2003, p. 411).

Se Lacan retorna ao signo para aí ordenar o princípio de leitura do sintoma, é porque apenas o signo permite pensar a conexão do significante, do sujeito e do gozo, por ser o produto fora-do-discurso de uma cifração.

É essa ideia de que o inconsciente cifra o gozo, ou mais radicalmente, que o gozar se dá na cifração – o que certamente não exclui gozar também da decifração (cf. a duração das análises) – que conduzirá Lacan a uma distinção fina e sutil entre **signo** e **significante**, distinção cujo fundamento reside no seguinte: a bateria do significante é fornecida na língua, face universal, enquanto que o signo é o próprio a cada um, já que ele é definível como um significante elevado ao mais-de-gozar, ou seja, um significante que um sujeito faz devir objeto para gozar dele, independentemente de seus efeitos de significado. Nós pressentimos aí que a letra não está longe... Daí se deduz que é a conexão do significante ao gozo – à libido, para falar de acordo com o léxico freudiano – que faz o significante cair como signo: signo de divisão, ou seja, do sujeito e, simultaneamente, signo de que isso goza. É o próprio estatuto do sintoma na clínica analítica.

O estado terminal desse sintoma, esse que chamamos *sinthome* ou *letra*, é o que resta desse signo ao fim do processo de sua decifração, da liberação de seus efeitos de significado.

Consideremos agora mais precisamente a questão da letra.

A partir de 1970-71 – *De um discurso que não seria do semblante e Lituraterra* – Lacan vai cada vez mais privilegiar a dimensão da letra, que inicialmente ele faz equivaler ao “retorno do recalado”,¹² a função do escrito em psicanálise. Durante muito tempo pensei que isso seria uma reação às teses de Derrida ou um eco aos trabalhos de Roland Barthes e/ ou de Sollers e seus amigos de *Tel Quel*. Hoje, me parece que a razão decisiva de um tal recentramento sobre a letra se deve à articulação cada vez mais rigorosa da clínica do fim de análise.

Nessa reorganização, um texto ocupa um lugar bastante estratégico: “*Lituraterra*”, que no volume dos *Outros Escritos*, vocês devem ter percebido, ocupa um lugar homólogo ao do *Seminário da Carta Roubada* nos *Escritos*. Dois textos sobre a letra, portanto!

Lituraterra desenvolve uma tese radical que vai contra a evidência fenomenológica segundo a qual a escritura não seria nada além da transcrição do significante. Contra essa concepção é preciso afirmar que, se o significante se calígrafa, a escrita não é o decalque do significante.

Mas dessa vez Lacan discorda de Freud, de que a escrita seria uma impressão:

Se eu houvesse considerado aceitáveis os modelos articulados por Freud num Projeto em que ele abriu para si rotas calçadas na impressão, nem por isso teria retirado metáfora da escrita, ela não é impressão, a despeito do bloco mágico.

Quando tiro partido da carta 52 a Fliess, é por ler nela o que Freud pôde enunciar, sob o termo que forjou – WZ, Wahrnehmungszeichen – , como sendo o mais próximo do significante, numa época em que Saussure ainda não o havia reproduzido (do signo estoico).

Que Freud o escreva com duas letras prova tão pouco quanto eu que a letra é primária.¹³

Se a escrita não é nem decalque do significante, nem a impressão – a velha imagética do pedaço de cera – o que é, afinal, essa aplicação de caracteres sobre uma superfície que delas se faz memória? A escrita é ravinamento e rasura. Por ravinamento é preciso entender precisamente a operação que transforma um estado do “real prévio”, a superfície da terra, devido ao transbordamento das nuvens. A rasura é de uma ordem bem diferente, já que se refere ao grafismo, no que ela pertence a um campo inseparável daquele da linguagem. Além disso, em sua referência ao apagamento, ao não-traço, ela é o próprio sujeito, já que só um sujeito pode operar nessa dimensão.

Linguística, liguisteria ou filosofia natural da linguagem? Sabemos que a experiência de sobrevoar a “Sibéria Soviética” por ocasião de sua viagem ao Japão foi determinante para o advento desta teoria da escrita de Lacan. A água que escorre das nuvens é tomada aqui

12. Lacan, ... *Ou Pior* (1971/Inédito, lição de 15/12/1971).

13. Lacan, *Lituraterra* (1971/2003, p. 19).

como suporte para introduzir uma nova metáfora dos dois níveis que estruturam o campo da linguagem, pelo menos desde Saussure.

Assim, ele identifica as nuvens ao significante, ao semblante – o tema mesmo de seu Seminário de 1970-71 – e o ravinamento ao fenômeno do significado.

A metáfora do ravinamento, da chuva que ao cair sobre a superfície da terra faz efeito de escrita, é transposta tal e qual para o campo da linguagem.

Resta a questão: sobre qual real o significante faz ravinamento do significado? Em psicanálise é difícil conceber outro real que não seja o organismo, o vivente que serve de suporte à variável sujeito. Daí resulta que a função de escrita, na nova perspectiva aberta por Lacan, consiste em conectar o efeito de significado e o gozo; ela opera uma localização do gozo no nível do efeito de significado, ou seja, “realiza” isso que se deve chamar “*joui-sens*”.¹⁴

Esta concepção de escrita como “ravinamento do significado” no real, no real da substância gozante, ao mesmo tempo em que coloca em evidência os limites do algoritmo saussuriano para dar conta da eficácia da linguagem na experiência analítica, mostra também o inconveniente de se recalcar ou foracluir isso que é do gozo, de se constituir, como toda disciplina científica, sobre o fundo de sua exclusão. Donde o recurso à categoria de discurso, que permite pensar simultaneamente as relações significantes e seus efeitos de gozo.

A escrita, direi eu, é isso por meio do que o efeito de discurso, no nível do significado, pode ser fixado.

Lacan, brincando com a homofonia, evoca a passagem do literal ao litoral. Na verdade, a letra “faz borda” entre o saber e o gozo, isto é, ela separa ao mesmo tempo em que conecta, como toda fronteira, por assim dizer. Uma tal localização da letra, entre saber e gozo, em vez do significado saussuriano, implica, no mínimo, que a escrita não seja primária. Mas se ela não é primária, é menos em termos de significante ou de palavra, que do discurso.

Por sinal, esta posição é claramente afirmada por Lacan, quando ele situa Serge Leclair e Derrida quase no mesmo nível – *Psicanálisar e Da Gramatologia* –, e em menor medida *O Império dos Signos*, de Roland Barthes, essas três obras constituindo os textos com os quais Lacan dialoga ou polemiza.

A posição de Lacan sobre a escrita é, portanto, ao mesmo tempo firme e sutil. Ela deve seu interesse e sua pertinência a isso que a invenção da categoria de discurso (1970) movimentava nas coordenadas da questão da escrita. Além disso, as interrogações, os debates sobre a primariedade ou secundariedade da letra em relação ao significante deixam escapar o essencial. O que importa, na verdade, é o discurso, a decifração e a leitura, sem os quais a questão das relações entre significante e letra, a palavra e a escrita, nem mesmo fará sentido.

14. Jogo de palavras que se perde na tradução para o português e envolve o verbo *jouir* (gozar) e *sens* (sentido). Somadas, soam homófonas a palavra francesa que designa o gozo (*jouissance*).

É essa doutrina da letra que, bem antes da introdução do paradigma borromeano, orientará a perspectiva de Lacan sobre o fim de análise e sobre os destinos do sintoma. É menos a decifração que a interpretação que lhe dá a chave, uma vez que a interpretação é a condição do gozo da letra à qual o processo analítico reduz o sintoma:

Sob a ponte Mirabeau, é verdade, assim como sob aquela de que uma revista que foi a minha se fez emblema, ao tomar emprestado essa ponte-orelha a Horus Apolo, sob a ponte Mirabeau, certo, corre o Sena primitivo, e a cena é tal que nela pode soar o V romano da quinta hora (cf. *O Homem dos Lobos*). Mas também só se goza com isso ao chover aí a fala de interpretação.¹⁵

15. *Lituraterra, op. cit.*,

p. 23.

Daí deduzo que a letra, do ponto de vista que nos interessa, aquele da psicanálise, não é nem o signo, já que ele se decifra, nem o significante, já que ele significa, menos ainda o sentido, já que ele se lê. Radicalmente então a letra é isso que, do inconsciente, se goza!

Impossível seguir adiante. O pouco que eu pude evocar aqui basta para atestar que a abordagem lacaniana do sintoma consistiu num triplo movimento de redução, de orientação e, enfim, de extensão do sintoma. Já desenvolvi isso em outro lugar.

Acrescentarei hoje apenas que, se isso que Lacan pôde elaborar do sintoma como metáfora, esclarecia perfeitamente a clínica freudiana e a clínica da entrada em análise, já que ela articula a estrutura do sintoma e a função do sujeito suposto saber, esta perspectiva torna-se um pouco “restrita” quando se trata de dar conta do sintoma na extensão mais ampla que lhe dará Lacan, notadamente quando ele fará de uma mulher, de uma criança, de uma obra, ou mesmo do psicanalista, um sintoma. Mas essa não é uma maneira de indicar que, passada a metáfora, resta o literal? O que conduz a uma concepção especificamente analítica da letra, que não é nem a da ciência, nem a da literatura, seja no nome do sintoma reduzido à sua pura função de gozo do inconsciente, do inconsciente desabonado do sujeito suposto saber!

Tradução: Lia Carneiro Silveira

Revisão da tradução: Paulo Marcos Roma

Referências bibliográficas

- ANONYME. *Psychanalyser de S. Leclair*. In: *Scilicet*, nº 2/3, Paris: Editions du Seuil, 1970.
- BARTHES, R. *L'empire des signes*. Paris: Skira, 1970.
- DERRIDA, J. *De la grammatologie*. Paris: Editions de Minuit, 1967.
- DERRIDA, J. *L'écriture et la différence*. Paris: Editions du Seuil, 1967.
- DERRIDA, J. *La carte postale. De Socrate à Freud et au-delà*. Paris: Flammarion, «La philosophie en effet», 1980.
- FREUD, S. (1891). *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF, 1983.
- FREUD, S. (1887-1902). *Lettres à Wilhem Fliess, notes et plans*. In: *La naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1979.
- FREUD, S. (1925). *Note sur le «Bloc-notes magique»*. In: *Résultats, idées, problèmes II*. Paris: PUF, 1985.
- LACAN, J. (1953). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, J. (1957). *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- LACAN, J. (1959-1960). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- LACAN, J. (1970). *Radiofonia*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. (1971). *Lituraterra*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. (1973). *Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos*. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. (1972-73). *Le Séminaire, Livre 20, Encore*. Paris: Seuil, 1975.
- LACAN, J. (1975-76). *Le Séminaire, Livre 23, Le sinthome*. Paris: Seuil, 2005.
- LECLAIRE, S. *Psychanalyser. Un essai sur l'ordre de l'inconscient et la pratique de la lettre*. Paris: Seuil, 1968.
- LYOTARD, J.-F. *O Trabalho do sonho não pensa*. In: *Revue d'Esthétique*, nº1, 1968. LYOTARD, J.-F. *Repris*. In: *Discours, Figure*. Paris: Editions Klincksieck, 1971.
- MILNER, J. C. *L'œuvre claire. Lacan, la science, la philosophie*. Paris: Seuil, 1995.

Resumo

No centro do ensino de Lacan, a categoria do sintoma. Ao mesmo tempo, a noção clínica, o conceito teórico e o princípio ético. Se ele está presente do início ao fim no seu ensino, sua abordagem está longe de ser unívoca. Recorre-se à estrutura de linguagem no seu primeiro classicismo, é como metáfora que inicialmente ele é apresentado; ao fim do percurso, é como letra, função de gozo do inconsciente, que ele é apresentado. Ora, metáfora e letra não se equivalem, sem mencionar que essa tensão atravessa o ensino de Lacan e os debates que ela suscitou. Por outro lado, ele não pode tratar de escolher simplesmente entre metáfora ou letra para isolar a estrutura e a função do sintoma. É do exame dessas numerosas questões levantadas por essa oposição e as indicações que levam ao fim da análise, que se ocupa a presente contribuição.

Palavras-chave

sintoma, metáfora, letra, fim de análise

Abstract

In the center of Lacan's teaching, the category of symptom. At the same time, the notion of clinic, the theoretical concept and the ethical principle. Even being present from the beginning to the end, Lacan's approach is far from being unanimous. In its first classism, language structure is taken into consideration ; it is initially presented as a metaphor; at the end of the trajectory, it is as letter, function *jouissance* of the unconscious, that he presents. Well, metaphor and letter do not equate with each other, not to mention that this tension crosses Lacan's teaching and all debated it has generated. On the other hand, it is not a matter of simply choosing between metaphor or letter in order to isolate the structure and the symptom's function. It is from the examination of these numerous questions raised by this opposition and the indications which make way to considerations about the end of analysis, that this contribution is concerned about.

Keywords

Symptom, metaphor, letter, the end of analysis.

Recebido

03/02/2011

Aprovado

19/02/2011

